



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

PEDAGOGIA

PAULA FABRÍCIA MACEDO

A NOÇÃO DE BULLYING NA ÓTICA DAS CRIANÇAS

Campina Grande - PB

2014

PAULA FABRÍCIA MACEDO

A NOÇÃO DE BULLYING NA ÓTICA DAS CRIANÇAS

Artigo apresentado como requisito para a conclusão de curso de Licenciatura em Pedagogia na universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação da Prof.^aMs.Livânia Beltrão Tavares.

Campina Grande – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

141 Macedo, Paula Fabrícia
A noção de bullying na ótica das crianças. [manuscrito] /
Paula Fabrícia Macedo. - 2014.
26 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Livânia Beltrão Tavares,
Departamento de Pedagogia".

1. Bullying 2. Ensino Fundamental 3. Desenvolvimento
Infantil I. Título.

21. ed. CDD 371.58

PAULA FABRÍCIA MACEDO

A NOÇÃO DE BULLYING POR PARTE DAS CRIANÇAS

Aprovada em 09 de julho de 2014

BANCA EXAMINADORA

Livânia Beltrão Travençolo Nota 9,5

Profª. Ms. Livânia Beltrão UEPB

(Orientadora)

Diana Sampaio Braga Nota 9,5

Profª. Ms. Diana Sampaio Braga UEPB

(Examinadora)

Eduardo Gomes Onofre Nota 9,5

Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre UEPB

(Examinador)

Média 9,5

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, a meu pai Pedro, minha mãe Fátima e aos meus irmãos Priscila e Patric, aos meus filhos Layse e Yago e ao meu esposo Albery.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento deste artigo.

A todos que com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter-me dado saúde e força para superar as dificuldades.

À Universidade Universidade Estadual da Paraíba, pela oportunidade de fazer o curso.

À minha orientadora Livânia, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Meus *agradecimentos* aos amigos Maxwell e Raquel, que muito me incentivaram e ajudaram na a realização deste trabalho.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

A convivência de crianças na escola normalmente gera algumas situações de conflito entre elas, das quais a maioria pode ser vista como integrante do cotidiano de suas relações interpessoais nesse ambiente, sem maiores problemas. Contudo, algumas dessas situações suscitam problemas graves. Uma dessas situações é o bullying, que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas. Portanto, o objetivo dessa pesquisa é investigar a noção que alguns alunos de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental têm a respeito do fenômeno bullying, de forma que possamos refletir sobre suas implicações. O universo da pesquisa é constituído por 19 alunos de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental, em uma escola privada da cidade de Boqueirão, Paraíba. Utilizamos uma abordagem qualitativa, com a coleta de dados baseada em uma entrevista (realizada em 27 de maio de 2014) e na observação (entre os dias 19 e 30 de maio de 2014) de algumas situações de bullying no cotidiano da turma. Os principais autores que nortearam o trabalho foram Fante (2008), Piaget (*apud* Yves de La Taille, 1992), Lopes Neto (2005) e Quintanilha (2011). Como resultados, percebemos que a noção que os sujeitos da pesquisa têm a respeito do bullying é precária, devido às características de sua fase de desenvolvimento, e que é preciso conhecer as particularidades de cada contexto.

Palavras-chave: Bullying. Alunos do 3º ano do ensino fundamental. Fases de desenvolvimento.

ABSTRACT

There are some conflicts among children at school that are considered normal, as a part of their everyday relations. However, some of these situations engender serious problems. One of these situations is called bullying, which is characterized by intentional aggressions, verbal or physical, time after time, done by one or more students against one or more mates. Therefore, the objective of this research is investigating the third grade students of elementary school's notion about bullying, in a way that permit us reflect on their implications. The universe of the research is constituted by 19 students of a third grade class of elementary school from a private school in Boqueirão, Paraíba state. We used a qualitative approach, collecting the data through an interview (conducted in may 27, 2014) and in the observation (between may 19-30, 2014) of some bullying situations in the everyday relations of the class. The main authors that guided theoretically this research were Fante (2008), Piaget (*apud* Yves de La Taille, 1992), Lopes Neto (2005) and Quintanilha (2011). As a result, we realized that the research subjects' notion about bullying is precarious due to the characteristics of their development stages, and that is necessary to know the singularities of each context.

Key-words: Bullying. 3^a grade students of elementary school. Development stages.

SUMÁRIO

1. Introdução	08
2. Contextualização e considerações básicas sobre o bullying	09
3. A socialização em Piaget e o bullying	13
4. Procedimentos metodológicos	16
5. Observação de situações de bullying	16
6. A aplicação dos questionários	17
7. Organização dos dados do questionário	18
8. Estatística e categorias das respostas	18
9. Considerações finais	23
10. Referências	24

1. Introdução

A convivência de crianças na escola normalmente gera algumas situações de conflito entre elas, das quais a maioria pode ser vista como integrante do cotidiano de suas relações interpessoais nesse ambiente, sem maiores problemas. Contudo, as especificidades de algumas delas requer que os professores, de preferência aliados a profissionais especializados em psicologia educacional, estejam atentos para que possam agir sobre as mesmas quando perceberem que os limites aceitáveis foram ultrapassados.

Uma dessas situações problemáticas é o *bullying*, que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas. Esta atitude de muitos alunos é recorrente em praticamente todas as escolas e precisa receber atenção dos profissionais da escola, sobretudo dos professores, que são aqueles que passam mais tempo com os alunos e estão mais próximos afetivamente.

Para isso, os professores precisam conhecer o *bullying* e suas implicações através de embasamento científico e constante observação das atitudes dos alunos. Todavia, além do conhecimento teórico, se faz necessário um conhecimento mais localizado, no sentido de investigar a noção dos próprios alunos a respeito dessa problemática. A partir disso, elaboramos a seguinte pergunta: investigar a noção que os alunos têm da situação de *bullying* pode ajudar o professor a tratar melhor o problema? Partimos do pressuposto de que, embora o *bullying* tenha características predeterminadas, os sujeitos que o praticam podem dar a ele contornos particulares em contextos específicos, como no caso de levarmos em consideração a fase de desenvolvimento dos praticantes e das vítimas, e conhecer as particularidades de cada contexto parece ser parte indispensável do processo de investigação e posterior proposta de intervenção sobre o fenômeno.

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade da pesquisadora de iniciar um processo de conhecimento do fenômeno *bullying*, uma vez que na escola em que trabalha esta questão não é discutida nem tratada de forma sistemática, não havendo, inclusive, um profissional habilitado na instituição para dar suporte ao corpo docente. Conseqüentemente, como passo inicial desse processo, objetivamos com esta pesquisa

investigar a noção que alguns alunos de uma turma de 3º ano do ensino fundamental têm a respeito do fenômeno bullying, de forma que possamos refletir sobre suas implicações.

O universo da pesquisa é constituído por 19 alunos de uma turma de 3º ano do ensino fundamental, em uma escola privada da cidade de Boqueirão, Paraíba. Buscamos embasamento na pesquisa do tipo etnográfico, através de uma abordagem qualitativa e quantitativa, com a coleta de dados baseada em um questionário e na observação de algumas situações de bullying no cotidiano da turma. Os principais autores que nortearam o trabalho foram Fante (2008), Piaget (*apud* Yves de La Taille, 1992), Lopes Neto (2005) e Quintanilha (2011).

2. Contextualização e considerações básicas sobre o bullying

A escola, além de ser lugar de aprendizagens, é também lugar de várias relações. As crianças, no caso das séries iniciais, vão desenvolvendo a socialização em meio a descobertas, afinidades, protagonismos, introspecções, e entre outros fatores, há problemas de relacionamento. Cada tipo de criança faz emergir, de forma despercebida, um tipo de defesa para estes problemas. Porém, alguns se tornam ameaçadores a ponto de sufocar a defesa, causando problemas graves que podem afetar não só a socialização, mas outras dimensões, como a aprendizagem.

Um dos problemas mais acentuados que a escola enfrenta é o *bullying*, palavra inglesa derivada de *bully*, que quer dizer, segundo o dicionário Oxford Escolar (2003) s. valentão, -ona / vt. Provocar, intimidar alguém. Porém, como fenômeno que indica um problema de relacionamento, a derivação bullying, no contexto de nossa pesquisa, “compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.” (LOPES NETO, 2005).

Este fenômeno foi descrito e estudado a partir da década de 1970, de acordo com Fante (2008), na Suécia, Dinamarca e Noruega. Porém, ele é anterior à própria escola, e é verificado no mundo inteiro, tratando-se de um problema a ser enfrentado pelos

órgãos de saúde e educação de todos os países, não sendo característica de uma determinada cultura. Quintanilha (2011) destaca, como precursor nessa área, o norueguês Dan Olweus:

O primeiro pesquisador que percebeu o fenômeno bullying foi o professor Dan Olweus e seus estudos realizados na Universidade de Bergen- Noruega (1978 a 1993) obteve grande repercussão. Porém, o governo norueguês atentou seu olhar para essa violência institucional apenas após o suicídio de três crianças entre 10 e 14 anos, que provavelmente foi influenciado por atos de maus tratos dos colegas. A partir desse fato, a autoridade norueguesa, pressionada pela população, realizou em escala nacional a Campanha Anti-Bullying nas escolas (1993). (p. 36)

Percebemos, portanto, que o estudo e as ações referentes ao bullying são relativamente novos, se compararmos ao estudo de outros aspectos comportamentais, ou outros problemas educacionais. Embora a configuração visível desta forma de violência não pareça ser tão grave, as consequências podem ser trágicas, levando até mesmo ao suicídio, fato identificado em vários países além da Noruega, como Estados Unidos, Inglaterra e Brasil (Assoc. Médico espírita - site). Aliás, o suicídio foi o fator agravante que levou as autoridades norueguesas a concentrarem atenção neste fenômeno, dando início a estudos e propondo ações de intervenção. A atitude de cometer suicídio pressupõe, teoricamente, um indivíduo em idade, pelo menos, adolescente, pois é uma decisão que exige uma condição mental que a criança costuma não possuir. Por isso, acreditamos que a percepção que as crianças têm das situações de bullying, tanto na perspectiva da agressão quanto da vitimização, se diferencia da percepção que têm os adolescentes e adultos. Inclusive, nas pesquisas que fizemos na internet, houve uma incidência de sujeitos pesquisados no contexto das escolas de alunos de ensino fundamental II, com idade que normalmente varia entre 11 e 14 anos. Talvez por causa da gravidade das consequências nesta idade ser mais evidente, não encontramos muitos estudos focados em crianças, no contexto escolar, na idade do ensino fundamental I.

Dentre os vários desafios que as escolas (públicas e privadas) enfrentam no Brasil, o bullying aparece como uma das prioridades, visto que, com base nas estatísticas de uma pesquisa realizada no Brasil, este problema:

[...] envolve quase 30% dos estudantes brasileiros – seja praticando ou sofrendo a violência caracterizada por agressões verbais ou físicas, intencionais, aplicadas repetidamente contra uma pessoa ou um grupo. Mas a grande maioria desse total, 20,8%, é formada por agressores. Ou seja, um em cada cinco jovens na faixa dos 13 aos 15 anos pratica bullying contra colegas no Brasil. O índice é destaque da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE) 2012, divulgada [...] pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foram entrevistados 109.104 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental (antiga 8ª série), de um universo de 3.153.314, grupo no qual 86% dos integrantes está na faixa etária citada. (REVISTA VEJA, 2013)

Muitos profissionais ainda não estão preparados para lidar com o problema, resultando em atitudes que variam da ausência de importância que deveria ser dada a este problema até às intervenções desprovidas de conhecimento adequado, não gerando, assim, resultados efetivos. É importante que os professores pesquisem e que as escolas os capacitem, fornecendo-lhes, além disso, o apoio de um profissional da área de psicologia.

O primeiro passo para enfrentar o problema pode ser o conhecimento das possíveis motivações do agressor. Este comportamento pode surgir da necessidade de “Querer ser mais popular, sentir-se poderoso e obter uma boa imagem de si mesmo” (REVISTA NOVA ESCOLA, AGOSTO DE 2009), denotando uma atitude que costuma requerer “público”, testemunhas que possam atestar o ato de força e afirmação, o que, na verdade, seria uma forma de agir de “uma pessoa que não aprendeu a transformar sua raiva em diálogo e para quem o sofrimento do outro não é motivo para ele deixar de agir” (idem).

Beane e Cricki (*apud* QUINTANILHA, 2011, p. 40) apresentam três formas de bullying: o *físico*, caracterizado por bater, dar tapas, cotoveladas e empurrões com os ombros; empurrar, forçar com o corpo, colocar o pé na frente, entre outras formas; o *verbal*, marcado por apelidos ofensivos; comentários insultuosos e humilhantes; provocação repetida; comentários racistas e assédio; ameaças e intimidação; e o *social e relacional*, em que o agressor pode destruir e manipular relacionamentos, destruir reputações, excluir o indivíduo de um grupo, etc.

Tais comportamentos são facilmente encontrados na escola, podendo ser considerados por leigos como constituintes das relações normais que envolvem as crianças e os adolescentes. Acreditamos que, no que se refere às crianças com idade em

torno de 8 anos, alvo da nossa pesquisa, o bullying físico e o verbal são mais recorrentes, devido ao grau de maturidade deles.

Quanto aos envolvidos nas situações de bullying no ambiente escolar, podemos classificá-los em *alvos*, *autores*, *testemunhas* e *alvos/autores* (LOPES NETO, 2005). Os alunos considerados alvo são expostos repetidas vezes às ações negativas que são executadas por um ou mais alunos, geralmente não apresentam condições ou recursos para reagir de forma que faça cessar o incômodo. Geralmente, verifica-se que é pouco sociável, inseguro e desesperançado quanto à possibilidade de adequação ao grupo, tendo poucos amigos, é passivo, retraído, infeliz e sofre com a vergonha, o medo, depressão e ansiedade. Por constatarem que as pessoas com estas características não tendem a reagir é que os agressores os escolhem.

Quanto aos autores, algumas condições parecem favorecer o surgimento do comportamento agressivo responsável pelo bullying: a desestruturação familiar, o relacionamento afetivo pobre, o excesso de tolerância ou de permissividade e a prática de maus-tratos físicos ou explosões emocionais como forma de afirmação de poder dos pais. Estes fatores, em alguns casos, podem associar-se a elementos individuais dos agressores, como hiperatividade, impulsividade, distúrbios comportamentais, dificuldade de atenção, baixa inteligência e desempenho escolar deficiente. Interpretando de outra forma, a atitude do autor pode ser considerada como o reflexo da insatisfação que sente, talvez de forma inconsciente ou difícil de ser compreendida, fazendo com que o bullying se transforme na sua válvula de escape.

Neste contexto da relação autor-alvo, um personagem secundário, mas não menos importante, por vezes é esquecido na análise destas situações, a testemunha. Aqueles que presenciam a ação do bullying podem ser classificados quanto a sua reação: auxiliares (participam ativamente da agressão), incentivadores (incitam e estimulam o autor), observadores (só observam ou se afastam) e defensores (que protegem o alvo ou chamam um adulto para interromper a agressão). Entre estes, os defensores representam o menor número, pois o medo de serem as próximas vítimas os impedem de agir, embora discordem da agressão e desejem que ela não aconteça ou cesse rápido.

Há também um tipo híbrido de participante destas situações, os alvos/autores. Algumas crianças ou adolescentes desenvolvem alterações psicológicas pelas agressões sofridas, não reagindo contra seus agressores, mas procurando alguém mais fraco do que o agressor e do que si mesmo para empreender uma retaliação. Estes podem ser

depressivos, inseguros e inoportunos, procurando humilhar os colegas para encobrir suas limitações.

De acordo ainda com Lopes Neto (2005), todos estes participantes supracitados das situações de bullying enfrentam consequências físicas e emocionais de curto e longo prazo, gerando um quadro em que as “pessoas que sofrem bullying quando crianças são mais propensas a sofrerem depressão e baixa auto-estima quando adultos” (p. 168). O autor, que é médico e sócio fundador da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), cita 28 sinais e sintomas possíveis de serem observados em alunos alvos de bullying que podem impressionar pais e professores desatentos quanto à gravidade das consequências. Entre eles destacamos alterações do sono, dor epigástrica, anorexia, isolamento, perda de memória, pânico, demonstrações de tristeza e resistência em ir à escola. Quando pais e professores despreparados identificam alguns destes sintomas em seus filhos e alunos (vítimas de bullying), podem acabar atribuindo a origem do problema à própria criança, que possivelmente será criticada por estes adultos, agravando ainda mais o problema.

3. A socialização em Piaget e o bullying

O bullying, enquanto uma das manifestações comportamentais da violência verificadas na escola, possui características passíveis de generalização. Porém, acreditamos que, apesar das porcentagens apresentadas em alguns estudos, é preciso compreender as particularidades que as idades (ou fases de desenvolvimento) e os contextos específicos guardam. Como exemplo dessas porcentagens, podemos citar Catini (2004, p. 11):

a) a porcentagem dos estudantes que são vitimizados decresce com o avanço das séries escolares, ocorrendo menos uso de violência física nos graus mais altos; b) os meninos parecem ser mais expostos ao bullying físico, direto e as meninas, por sua vez, parecem ser mais expostas a formas indiretas e mais sutis de vitimização; c) a mais frequente forma de bullying relatada é a verbal, e indireta; d) meninos apresentam uma frequência maior que meninas na participação em episódios de bullying, como vítimas ou como agressores.

A detecção da recorrência destas características ajuda os professores a lidarem com as situações, e dá-lhes pontos de referência comuns. Contudo, a partir da constatação de que a porcentagem dos estudantes vitimizados decresce com o avanço das séries, decidimos investigar, primeiro teoricamente, com base nas ideias de Piaget e, posteriormente, confrontando estas ideias com as observações feitas das relações sociais dos alunos de uma turma de 3º ano do ensino fundamental I, para tentar descobrir as peculiaridades desta fase de desenvolvimento, para que, assim, possamos associá-las àquelas características mais gerais. Para isto, refletiremos sobre o lugar da interação social na concepção de Piaget, como tratada por La Taille (1992).

Segundo Piaget (*apud* LA TAILLE, 1992, p. 12), “O homem normal não é social da mesma maneira aos seis meses ou aos vinte anos de idade”. No caso dos adultos, o critério da sociabilidade seria a qualidade das “trocas intelectuais”, em que numa conversação, por exemplo, entre dois indivíduos, ambos possuem a capacidade de chegar a uma verdade comum, a partir de uma convenção comunicativa e relacional implícita, mesmo que seus pontos de vista sejam diferentes. Ao usar a palavra importante para se referir a um aspecto do assunto tratado, cada um entende que o grau de importância, ou a modalização da palavra importante, acontece de acordo com a necessidade que o discurso de cada um exige, sem que haja um conflito devido a não simetria do uso da palavra por ambos. Ou seja, mesmo que haja uma discordância, que gera uma “luta” argumentativa pela prevalência na conversa, os indivíduos adolescentes ou adultos conseguem entender que é possível lidar com esta situação, na qual cada um se situa em relação ao outro. Isto é possível por causa do domínio do pensamento operatório, o qual assinala um dos estágios do desenvolvimento cognitivo humano de acordo com a teoria de Piaget. La Taille (1992, p. 12-14) descreve uma situação semelhante àquela supracitada na forma de uma equação que representa o pensamento operatório sendo posto em prática, e sobre isto o autor explica que:

[...] decorre que tal equilíbrio das relações sociais somente é possível entre sujeitos que tenham atingido este estágio de desenvolvimento. Dito de outra forma, a maneira de *ser social* de um adolescente é uma, porque é capaz de participar de relações como aquela descrita pela equação, e a maneira de *ser social* de uma criança de cinco anos é outra, justamente porque ainda não é capaz de participar de relações sociais que expressam um equilíbrio de trocas intelectuais. (p. 14)

Portanto, no estágio operatório é possível ter plena consciência da qualidade transgressiva e agressora dos atos de bullying, assim como das consequências, no caso de adolescentes (para nos situarmos no contexto escolar). Dessa forma, a ação dos professores e demais encarregados de atuar sobre estas situações estaria condicionada pelo conhecimento dessas condições.

No caso das crianças, as condições são diferentes. Nos estágios sensório-motor e pré-operatório a socialização ainda se dá de maneira precária, porque lhes falta “a capacidade de aderir a uma escala comum de referência”(Op. Cit., p. 15), comprometendo o equilíbrio do diálogo, de forma que não sentem necessidade de regular as diferentes condutas com base em uma única referência. Mesmo quando reconhece ou concorda com determinado argumento, a respeito da violência, por exemplo, ela pode facilmente cair em contradição pouco tempo depois, sem que perceba nesta contradição um problema que a complique socialmente. “Finalmente, a criança pequena tem extrema dificuldade em se colocar no ponto de vista do outro, fato que a impede de estabelecer relações de reciprocidade” (Idem). Estas propriedades comportamentais verificadas nestes estágios caracterizam o que Piaget chamou de *pensamento egocêntrico*. Ou seja, centrada no eu, a criança pratica atos de bullying com a mesma noção que tem de outras brincadeiras não ofensivas, pois as consequências das agressões não recaem sobre si mesma, não atingindo, portanto, seu parâmetro de percepção. Quando, por outro lado, ela é vítima das agressões (verbais ou físicas), a tendência é que sinta uma insatisfação bastante incômoda, sem, no entanto, associá-la àquela que provocou antes a outro colega. A agressão provocada e a sofrida não faz surgir uma reflexão capaz de levá-la a uma auto-avaliação que pudesse transformar seu comportamento, a fim de otimizar sua socialização. “Em suma, egocentrismo significa também que a criança ainda não tem domínio de seu “eu” e que, longe de ser autônoma, ainda é heterônoma nos seus modos de pensar e agir” (Op. Cit., p. 16).

No estágio pré-operatório, a conduta que caracteriza o bullying se apóia na precária noção da relação do eu com o outro, na precariedade do processo de socialização. Dessa forma, nesta fase, o bullying acontece de uma forma diferente de estágios posteriores, o que distingue também a natureza de suas motivações. Ou seja, a questão passa pelos graus de socialização. Há uma correlação entre desenvolvimento

mental e desenvolvimento social que pode contribuir para o estudo da conduta de bullying e para as formas de agir sobre ela quando agressores e agredidos são crianças.

4. Procedimentos metodológicos

Para nortear esta pesquisa, optamos pela abordagem qualitativa, pois a necessidade de conhecermos a noção que os sujeitos da pesquisa possuem sobre atitudes agressivas exige uma reflexão baseada nas peculiaridades das situações observadas e relatadas nos questionários.

Assim como a sociedade está permeada por conflitos entre forças, a escola como instituição constitutiva da organização social e lugar de aprendizagens, deve atentar para a possibilidade de compreender e intervir na forma como as relações entre os alunos acontecem, pois o papel da escola na socialização não se trata apenas de moldar sujeitos, programando-os para seguir regras, mas de compreender os processos e suas implicações, no sentido de promover o desenvolvimento das potencialidades dos alunos ao mesmo tempo em que aprendemos a lidar com os problemas que transitam pelo cotidiano escolar, de forma que a cidadania seja um referencial. É em recortes como este que fazemos aqui que surgem descobertas no âmbito micro capazes de permitir a mediação, pelo menos parcial, da socialização gradual dos alunos

Para a coleta de dados, utilizamos a observação, por permitir registros das principais implicações relativas ao bullying, que acontece em momentos de interação flexíveis e variados. Além da observação, usamos também a entrevista para que pudéssemos obter dos alunos um registro produzido por eles mesmos sobre o problema em questão, de forma a tornar possível a relação entre as declarações deles e as observações. As perguntas que constituem a entrevista visam provocar nos alunos a possibilidade de refletirem sobre a posição do agressor, ao mesmo tempo que sobre a posição do agredido, expondo suas considerações através da escrita, o que de certa forma limita a profundidade da expressão de seus pensamentos, mas diminui, por outro lado o constrangimento.

5. Observação de situações de bullying

A primeira parte da coleta de dados ocorreu quando a pesquisadora observou, durante oito dias a título de amostragem, o comportamento dos 19 alunos de sua turma na sala de aula e no momento do intervalo, quando as crianças brincam. Nestes dois momentos foram percebidas algumas situações de provocações e desavenças, porém três delas aconteceram repetidas vezes, condição que caracteriza o bullying. Para preservar a integridade dos estudantes, vamos nos referir a eles (os autores) como aluno 1, aluno 2 e aluno 3. Durante as aulas o aluno 1, por três vezes e sem motivo aparente, irritou uma colega chamando-a de *gorda*. Este mesmo aluno costuma empurrar um determinado colega nas escadas quando descem do andar onde ocorre o recreio para o térreo, e foi citado pelo nome como autor por vários colegas no questionário. O aluno 2 insultou várias vezes uma colega com o apelido de *magrela*, inclusive durante uma discussão. O aluno 3, algumas vezes, chamou um colega de *quatro olhos*. Porém, ele declarou que havia feito isso por ter sido provocado. Em outros momentos, a pesquisadora já havia constatado que o agredido nesta situação tem o hábito de chamar vários colegas de *bobo*. Vale ressaltar que este foi diagnosticado há pouco tempo como altista. A idade dos alunos dessa turma varia entre sete e oito anos, havendo somente um com nove anos.

Estas situações ocorrem frequentemente no cotidiano desta turma. A professora sempre agiu em prol de fazer cessar as agressões, mas ainda sem um embasamento que pudesse garantir um conhecimento sistemático deste fenômeno, fato que motivou o início dos estudos que deram origem à pesquisa. Esta observação servirá para ajudar na interpretação das respostas que os alunos deram ao questionário.

6. A aplicação dos questionários

Para o preenchimento dos questionários, a professora exibiu um vídeo, que tratou de um trecho de um capítulo da novela *Chiquititas*, em que algumas alunas do orfanato sofrem preconceito de algumas alunas da escola onde estudam, justamente por serem órfãs. A cena mostra o bullying verbal e a escolha da novela foi motivada pelo fato de serem personagens já conhecidos das crianças; inclusive, várias crianças declararam no momento da exibição que haviam assistido aquele capítulo.

Após a exibição, a professora/pesquisadora conversou com a turma, esclarecendo os pontos chave daquela situação, falando, através de um nível de

linguagem compatível, sobre a postura das agressoras e das agredidas, esclarecendo que as agressões de bullying também podem ser físicas e são caracterizadas pela repetição. Após refletirem sobre a situação do vídeo, os alunos foram informados que se tratava de um questionário para um “trabalho” da professora e que aquilo não lhes renderia nenhum tipo de repreensão, não sendo necessário assinar o nome, para que pudessem responder sem receios. Após responderem, a professora agradeceu a participação deles e os liberou das atividades de aula para que esperassem pela chegada dos pais.

7. Organização dos dados do questionário

O tratamento que daremos aos questionários será organizado com base na porcentagem relativa às respostas de cada pergunta, mostrando primeiro o total de respostas SIM e de respostas NÃO nas perguntas desse tipo (1 e 3), seguindo-se das porcentagens referentes aos meninos e às meninas, visto que nos estudos dessa área verificam-se variações entre agressores e agredidos em função do sexo. Na perguntas em que a ênfase está na qualidade da resposta (2 e 4), estabeleceremos categorias como bullying verbal e bullying físico, e categorizaremos os motivos das agressões cometidas e sofridas. As perguntas do questionário foram as seguintes: 1) Você já fez algo assim com alguém aqui na escola? 2) Se a resposta da questão 1 foi sim, descreva brevemente o que você fez, e por que você fez isso. 3) Alguém já fez algo assim com você aqui na escola? 4) Se a resposta da questão 3 foi sim, descreva o que fizeram com você e por que você acha que ele/ela fez isso com você. Após organizarmos as estatísticas e as categorias, faremos uma reflexão sobre as respostas, de forma a tentar perceber as peculiaridades que podem nos ajudar a compreender melhor o fenômeno no contexto em questão. No que se refere às perguntas 2 e 4, alguns alunos não declararam motivos ou não foram suficientemente claros para permitir a categorização.

8. Estatística e categorias das respostas

Com relação à **pergunta 1**, 52,6 % dos alunos admitiram que já praticaram bullying com algum colega na escola e 47,3 % alegaram nunca terem feito. Desses 52 %, 70 % são meninos e apenas 30 % são meninas.

Com relação à **pergunta 2**, verificamos que dos 52,6 % das agressões, 60 % foram verbais e 20 % físicas. Os 20 % restantes não declararam o motivo ou não foram claros o bastante para podermos identificar. Das agressões verbais, meninos e meninas foram responsáveis por 50 % cada. Houve apenas dois casos de agressões físicas declaradas, tendo sido praticadas apenas por meninos, o que, de qualquer forma, faz com que sejam responsáveis por 100 % delas. Os meninos apresentaram dois motivos para suas agressões (físicas e verbais): a) porque ficaram com raiva, b) porque foram provocados. As meninas apresentaram os mesmos motivos.

Com relação à **pergunta 3**, 78,9 % dos alunos declaram já terem sido vítimas de bullying, e 21,1 % declararam que não. Dos 78,9 %, os meninos representam 46,65 % e as meninas 53,35 %.

Com relação à **pergunta 4**, verificamos que dos 78,9 % das agressões sofridas, 46,65 % foram agressões físicas, 46,65 % foram agressões verbais e 6,7 % (ou uma aluna) não especificaram o tipo de agressão. Das vítimas das agressões físicas, 42,85 % (ou 3 deles) eram meninos e 57,1 % eram meninas.

Quanto à participação, seja de forma ativa ou passiva, em situações de bullying, apenas 10,5 % dos participantes (ou duas meninas) declararam não terem praticado nem sofrido bullying. Aqueles que só praticaram bullying, sem sofrê-lo, representam 10,5 % do total (ou dois meninos), eos que apenas sofreram bullying, sem praticá-lo, foram 36,8 % do total de alunos (ou 2 meninos e 5 meninas). Os participantes que admitiram ter praticado e também sofrido bullying representam 42,1 % do total (ou 5 meninos e 3 meninas).

A primeira constatação que fazemos com base nas estatísticas é que o número de crianças envolvidas nas agressões recorrentes é bastante significativo, o que torna evidente e indiscutível a atenção especializada que a instituição escolar precisa concentrar nesta questão. Se levarmos em consideração as possibilidades de danos que apresentamos aqui, percebemos que as consequências dos problemas de bullying constituem um elemento cujo tratamento bem sucedido pode mudar a história das possibilidades de sucesso escolar. Uma vez que a autoestima de uma criança, no que se refere à escola, esteja afetada negativamente por uma situação de agressão verbal, por exemplo, o seu interesse e desempenho podem assumir uma condição gradual e

constante de precariedade, que resultará no fracasso da aprendizagem, sendo este fracasso público e notório, sobretudo por parte dos professores e pais. As críticas que a criança provavelmente sofrerá, instalaram nela uma identidade de fracasso que tenderá a acompanhá-la pelas séries subsequentes. Considerando uma classe com 19 crianças, onde quinze delas declararam já terem sido vítimas em situações de bullying, as chances de sucesso escolar encontram um forte obstáculo. Nem todas as crianças que sofrem bullying atingirão necessariamente a condição sobre a qual especulamos acima. Porém, de acordo com os resultados dos estudos em que nos baseamos, percebemos que as probabilidades das consequências negativas se confirmarem são grandes.

Um dado encontrado nesta pesquisa representa um traço distinto de nossa realidade quando confrontado com uma pesquisa realizada em abrangência nacional. A pesquisa divulgada pela Revista Veja em 2013 mostra que do universo pesquisado, a grande maioria dos envolvidos em situações de bullying (20,8 % dos quase 30 % dos alunos envolvidos) era formada por agressores. No nosso caso, dos 89,4 % do total de pesquisados que afirmaram terem se envolvido em casos de bullying, os que se declararam apenas agressores representam 10,5 %, número menor do que aqueles que se declararam apenas agredidos, 36,8 %. Esta diferença evidencia a importância de buscar conhecer as peculiaridades de cada realidade específica, pois a consideração dos resultados de uma pesquisa mais ampla que, no entanto, não contemplou as questões peculiares do universo em que estamos inseridos poderia guiar as ações dos professores de maneira errônea, pois a prevalência dos danos em alta escala pode significar a proliferação mais rápida de um comportamento prejudicial para a criança no nível patológico, ou dito de outro modo, a socialização dos danos. Apesar de admitirmos que esta questão precisaria ser analisada por um profissional específico da área (como um psicopedagogo), entendemos que a especulação que elaboramos nos dá, pelo menos, a ideia de que as maiores proporções do problema demandam urgência, e que as soluções exigem uma capacitação sólida, uma vez que se trata não apenas de um problema pedagógico, mas de saúde.

Por outro lado, uma tendência mais geral se confirmou na nossa pesquisa. Do universo de 19 alunos, em que há uma equilibrada divisão dos sexos – 10 meninas e 9 meninos -, a maioria dos envolvidos eram meninos. Dos 89,4 % (ou 17 alunos) envolvidos, 52,9 % eram meninos e 47 % eram meninas, embora seja possível notar que não há uma predominância de destaque para os meninos, o que nos sugere que os comportamentos, ou dito de outra forma, as identidades de meninos e meninas já não

são mais as mesmas dos tempos em que a maioria das professoras e professores eram alunos das séries iniciais, quando os meninos eram basicamente os únicos responsáveis pelos problemas de indisciplina. Ressaltamos esse fato por percebermos em conversas com outros docentes que há uma tendência de que alguns professores, em seu discurso, reconheçam essa mudança, mas na prática acabam inconscientemente considerando os alunos da mesma forma que em seu período de estudos referente a esta etapa da educação básica.

Outro fator que pode estar relacionado com este equilíbrio entre meninos e meninas é justamente a idade. Como mencionamos anteriormente, a atuação das crianças nas situações de socialização se difere da forma como adolescentes e adultos agem nas mesmas situações. Esta proximidade entre meninos e meninas no protagonismo das agressões pode ser um indício das características do estágio pré-operatório, mesmo que se associando a traços da cultura do lugar e dos hábitos familiares das crianças em questão, fatores que, infelizmente, por motivo da extensão e do nível de profundidade deste trabalho, não pudemos investigar.

Uma característica do pensamento pré-operatório que nos chamou atenção nas respostas dos questionários foi a contradição de argumentos. Uma das meninas, ao responder a pergunta número três, sobre se alguém já tinha feito com ela algo semelhante ao que viu no vídeo, ou às situações complementares que a professora esclareceu, ela respondeu que **não**. Porém, na pergunta número quatro, que só deveria ser respondida se a resposta da questão três tivesse sido **sim**, ela respondeu alegando o seguinte: “Por causa que eu chutei essa pessoa”. De sua resposta, inferimos que ela admitiu ter sido agredida, verbal ou fisicamente, devido ao fato de ela mesma ter agredido primeiro o/a seu/sua agressor(a). Esta contradição parece ter surgido pelo fato de sua memória e consciência do fato ter sido ativadas mais pelo motivo da agressão do que pela agressão em si. Vale salientar que esta aluna declarou já ter praticado bullying com alguém na pergunta 1, e justificou que o fez porque a vítima a chateou. As contradições das crianças com idade em torno dos 8 anos é um fator para o qual o docente precisa estar sempre atento, de forma que elas sejam elementos de ponderação no momento de considerar as atitudes das crianças.

Por fim, gostaríamos de salientar o fato de que, nas declarações sobre as agressões sofridas, as crianças seguiram uma tendência de não nomear os agressores. Porém, como exceção dessa regra, o nome de um menino foi mencionado por três vezes – por dois meninos e uma menina. Este aluno agressor é o aluno 1 das observações da

professora/pesquisadora, que insultou uma colega de gorda mais de uma vez no período de observação, e que empurrou um colega nas escadas que liga o primeiro andar ao térreo. Além do período de observação, verificamos inúmeras vezes no decorrer do ano letivo que este aluno comete agressões de bullying, tanto físicas quanto verbais. Ele costuma ser agressivo, desrespeita constantemente colegas e professora, o uso de palavrões é frequente em sua comunicação diária, tanto nos momentos de conversas com os colegas quanto nos momentos de irritação, não apresenta a noção de limites em seu comportamento, sequer com os pais. Supomos que um dos fatores responsáveis por este comportamento seria a negligência dos pais com relação ao seu papel moderador perante às atitudes do filho, observada em alguns momentos no âmbito da escola. O caso deste aluno nos mostra que a precariedade das características da fase de desenvolvimento em que se encontram (pré-operatório) podem se associar a fatores sociais que agravam o contexto das situações de bullying entre crianças desta faixa etária, dificultando as formas de lidar com os problemas. Contudo, também percebemos, por outro lado, que ao identificarmos apenas um aluno nestas condições, as possibilidades de obter um relativo sucesso na mediação desses conflitos estão ao alcance dos docentes.

9. Considerações finais

Após refletir sobre as descobertas que fizemos, em consonância com as orientações teóricas, verificamos que o bullying realmente possui configurações peculiares em função da fase de desenvolvimento do indivíduo. As crianças na idade dos alunos que compuseram os sujeitos desta pesquisa possuem em sua constituição psicológica traços típicos que conferem certo nível de precariedade a sua noção das agressões cometidas e sofridas, o que não impede as intervenções de professores e profissionais da área psicológica, mas condicionam as ações.

Constatamos também que o conhecimento de resultados de várias pesquisas sobre o fenômeno bullying é de fundamental importância para a compreensão do mesmo, mas é preciso investigar as particularidades de cada contexto, no intuito de associá-las às generalizações para ter condições de compreender o máximo possível sobre estas relações no ambiente do qual fazemos parte.

Dessa forma, acreditamos ter conseguido avançar a partir do problema motivador desta pesquisa, na medida em que temos agora subsídios para começar a intervir nas situações de bullying com mais eficácia, mas tendo consciência de que o conhecimento necessário para lidar com a questão está longe de se esgotar.

10. Referências

CATINI, Nilza. **Problematizando o “bullying” para a realidade brasileira** [Tese – Doutorado]. Campinas: PUC – Campinas, 2004.

Dicionário Oxford escolar. Oxford universitypress: Oxford, 2003.

FANTE, Cleo. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. [Dados eletrônicos] Porto Alegre: Artmed, 2008. <http://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=K_bozAjBJR0C&oi=fnd&pg=PP3&dq=a+hist%C3%B3ria+do+bullying&ots=Xw8rVhI1yR&sig=TVSBddIqeFt9etPmI8O1Ej_IJy8#v=onepage&q=a%20hist%C3%B3ria%20do%20bullying&f=false>

<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/bullying-escola-494973.shtml> Editora Abril, Agosto de 2009 <Acessado em 22/05/2014>

<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/um-em-cada-cinco-adolescentes-pratica-bullying-no-brasil> <Acessado em 18/05/2014>

http://www.amebrasil.org.br/html/outras_bully.htm estatísticas do site da associação Médico Espírita do Brasil <Acessado em 10/05/2014>

La Taille, Yves (Org.) **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão / Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas**. – São Paulo: Summus, 1992.

LOPES NETO, A. A. **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes**. J Pediatría (Rio J). 2005;81(5Supl):S164-S172.

QUINTANILHA, Clarissa moura. Um olhar exploratório sobre a percepção do professor em relação ao fenômeno bullying. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, 2011.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Metodologia científica**. São Paulo: Avercamp, 2006.